

Uma Identidade Odomodê

Felipe Campo Dall'Orto¹

fdallorto@yahoo.com.br

Faculdade do Sul da Bahia-FASB

RESUMO

Esse artigo mostra a história e a identidade do Núcleo Afro Odomodê, um projeto de Vitória/ES que trabalha a ressignificação étnica em busca de uma transformação social. Um projeto que estimula a participação ativa de jovens afro descendentes, visando à democratização dos meios de produção cultural, ao fortalecimento da cidadania e à transformação da realidade, através da construção de uma identidade social. A idéia é analisar as ações, a metodologia e trabalhos pedagógicos do Odomodê e suas contribuições na arte, na comunidade e na construção da cidadania, além da importância da formação dos grupos populares dentro das comunidades.

Palavras-Chave: Identidade. Cidadania. Comunidade.

ABSTRACT

This article shows the history and identity of Afro Odomodê Center, a project of Vitória/ES ethnic signification that works in search of a social transformation. A project that encourages the active participation of young African descent, aiming at the democratization of the means of cultural production, the strengthening of citizenship and the transformation of reality, by building a social identity. The idea is to analyze the action, the teaching methodology and work Odomodê and its contributions to art, community and the construction of citizenship and the importance of the formation of grassroots groups within communities.

Keywords: Identity. Citizenship. Community.

¹ Bacharel em Comunicação Social (FAESA), Pós-graduado em Literaturas de Língua Portuguesa (Puc-Minas) e Mestre em Artes Cênicas (UNIRIO) é Coordenador Geral do Serviço de Engajamento Comunitário-SECRI. Diretor e professor de teatro é especialista em trabalhos em grupo, faz consultorias para ONGs e empresas sobre desenvolvimento de equipes e relacionamentos interpessoais.

Introdução

Identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem identificar um indivíduo e diferenciar pessoas umas das outras. A identidade é definida por Antônio da Costa Ciampa² como o conjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo. E é importante percebermos que a identidade é determinada ao mesmo tempo pelas igualdades e diferenças.

Já Stuart Hall³ mostra que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.

"(...) uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade - se antes, estas identidades eram sólidas localizações nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade"⁴. (HALL, 1999, p. 10)

E é nessa transição, nessa busca de uma identificação que pretendo mostrar o jovem educando do Núcleo Afro Odomodê vivendo essa busca, esse período de descobertas, de aceitar esse entre lugar e assumir suas raízes.

O ser humano se classifica pela semelhança ou disparidade com o outro, seja com a família ou nas relações em que está inserido, sendo que a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele. Essa primeira identificação se dá quando recorremos a um nome para nos identificar e passamos a ser associados a esse nome. Segundo Ciampa o nome é mais do que um rótulo que serve para confirmar e autenticar essa identidade, pois se refere a nossa localização na sociedade, definindo inclusive nossa posição social, pois por meio do sobrenome, é possível identificar a qual família pertencemos.

² CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

³ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

⁴ Idem. p. 10.

Utilizar um substantivo para definir um ser, uma identidade, não é o bastante, porque o nome não é a identidade, mas sim uma representação dela. Com isso, outros fatores vão sendo utilizados para nos definir enquanto indivíduos. Recorremos a fatores como nossa localização geográfica, profissão, descrição física, buscando nos adequar às semelhanças e diferenças para tentar nos classificar como único. Nessa busca por artifícios que nos definam acabamos por deixar de ser algo e passamos a ser definidos pelo que fazemos.

“Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhamento das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política.”⁵(CIAMPA, 2001, p. 127)

O indivíduo é uma interpenetração dos seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais, que podem servir para caracterizá-lo e identificá-lo, como também da sua representação simbólica desse sujeito, que serve para expressar sua identidade.

Precisamos ver o ser humano não mais como um sujeito isolado, pois ele faz parte de uma sociedade, de relações. A construção da identidade é um fenômeno que se produz nas relações com os outros, através da aceitação, reconhecimento, credibilidade e também negação, diferença e conflito. A identidade é vista como uma representação de um ser, e como seres humanos somos mutáveis, nos transformamos, inevitavelmente. Sendo assim, a identidade pode ser classificada como uma coisa temporal?

“Essa identidade que surge como representação de meu estar-sendo (como uma parcialidade) se converte num pressuposto de meu ser (como uma totalidade), o que, formalmente, transforma minha identidade (entendida como um dar-se numa sucessão temporal) num dado atemporal – sempre presente (entendida como identidade pressuposta re-posta numa sucessão temporal)”.⁶(CIAMPA, 2001, p. 173)

⁵ CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 127.

⁶ Idem, p. 173.

Vamos assumindo novas identidades à medida que tomamos novas posições na sociedade, e isso vai determinando nossa existência, fazendo com que essa existência seja uma unidade na multiplicidade. Há uma pluralidade de representações que define uma identidade social. Na verdade, a identidade está sempre se concretizando. Daí sua temporalidade: passado, presente e futuro. Essa temporalidade deve ser entendida não como uma abstração da nossa identificação, mas para a vermos como um movimento de concretização de si mesma, para entender como a noção das diferentes fases pode contribuir para o conhecimento e a definição de quem somos.

Segundo Hall o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu".

A identidade depende tanto da subjetividade como da objetividade do indivíduo, porque o homem ao mesmo tempo em que é desejo, é trabalho. É um ser social. É na busca por se afirmar como um ser social, capaz de expressar o seu potencial para encontrar-se consigo mesmo, que os educandos se apropriam do Odomodê, pois é através da arte e da ressignificação que eles descobrem que têm um potencial e têm o direito de desenvolvê-lo.

Esse potencial é uma mistura de seus sentimentos e desejos, suas crenças e valores, seus conhecimentos e seus sonhos. Mais do que conhecer esse potencial eles aprendem a aperfeiçoá-lo e expressá-lo através dos sonhos que idealizam e dos projetos de vida que constroem.

O Odomodê

O Núcleo Afro Odomodê é um Programa de Inclusão Social da Juventude Negra, que surgiu em abril de 2005 através da Gerência de Promoção Social da Juventude da Prefeitura Municipal de Vitória, a partir de uma demanda social que coloca a população jovem negra em

desvantagem socioeconômica, quando se trata de acesso a oportunidades no mercado de trabalho, do grau de escolaridade e da invisibilidade a qual estão submetidos.

O nome Odomodê foi escolhido para esse programa por significar juventude na língua Ioruba e assim representar a união dos educandos a que a casa se destina e as raízes da cultura africana que serve como base para as ações da casa.

O Odomodê escolheu como áreas de atuação regiões onde se registram altos índices de violência com domínio constante do tráfico de drogas e conflitos com a polícia, conforme noticiário da mídia capixaba e levantamentos realizados pela Coordenadoria de Segurança Urbana e a Equipe de Monitoramento e Avaliação de óbitos por causas violentas/SEMUS.

A importância de construir políticas específicas para uma população de jovens afrodescendentes se dá através da constatação das desigualdades e discriminações de natureza racial e social evidentes no cotidiano e comprovadas por variados dados estatísticos. Outra constatação indica uma característica muito crítica e preocupante que é a concentração dos homicídios na população jovem, na faixa etária dos 15 a 24 anos. Sendo esta uma tendência nacional.

Paralelamente a idade, estudos recentes têm identificado a existência de uma dramática concentração de mortes violentas na população negra (soma das pessoas classificadas como pretas e pardas)⁷ segundo a classificação do IBGE.

Em termos gerais, no Brasil, os riscos de pessoas negras serem assassinadas são 86,7% maiores do que pessoas brancas, onde as maiores vítimas são jovens negros e pobres.⁸

No município de Vitória, nos anos de 2002 e 2003 intensificou-se a busca ativa no sentido de melhorar a informação sobre raça/cor das vítimas de causas externas, em especial homicídios; verificou-se 87,16% para jovens afros descendentes entre 15 e 24 anos e 12,83% para ignorados.⁹

O Odomodê tem como objetivo conscientizar e estimular a juventude negra a buscar alternativas e possibilidades com autonomia e cidadania. Acredito que através da valorização maciça da cultura negra estes jovens afrodescendentes se munirão de ferramentas contra todo tipo de discriminação (racial e social), de preconceitos e estigmas imputados a cultura africana e afro-brasileira.

⁷ RAMOS, Silvia e LEMGRUBER, Julita. Criminalidade e respostas à violência. www.mj.gov.br/senasp

⁸ Idem

⁹ Idem

Atualmente o Núcleo Afro Odomodê funciona em uma casa no bairro Bonfim e oferece oficinas gratuitas de Penteado Afro, Teatro, Moda, Percussão, Break, Canto e Forró, além do acompanhamento social às famílias dos educandos. O Odomodê se firma como um espaço de formação e convivência, que busca estimular, sensibilizar e mobilizar os jovens para a questão das desigualdades raciais e sociais, a luta contra os preconceitos, violências e exclusões.

A metodologia artístico pedagógica do Odomodê é representada por um Baobá, árvore símbolo do Senegal, que se desenvolve em zonas sazonalmente áridas e que se destaca por reter muita água e suprir a região em épocas de seca. As raízes fortes e saudáveis estão fundadas na ética e na solidariedade e se alimentam dos mais variados conhecimentos humanos. O solo deve ser fértil, oferecer o acesso a saberes e base para criações.

O diálogo com as famílias e a comunidade, assim como a ressignificação estão na base do tronco da árvore, sendo fundamentais para o desenvolvimento de todas as atividades. Dessa forma o Odomodê se propõe a trabalhar com a sensibilização para a Promoção da Igualdade Racial, através da disseminação da arte e da cultura afro.

No nosso Baobá, a ética, a solidariedade, a identidade e a igualdade racial são fundamentos e guias. Sempre buscando instigar no jovem o sentimento de pertencimento do espaço, a necessidade de multiplicação como expansão do trabalho desenvolvido, valorizando a autoestima e a busca por uma re-construção de uma memória coletiva. Tudo através da democratização dos meios de produção artística, direito humano fundamental.

No alto da árvore temos as oficinas frondosas, como forma de atrair os jovens para experimentar e vivenciar da cultura em prol do seu desenvolvimento humano. E como galhos fortes, eles se interligam, podendo o educando freqüentar quantas e quais oficinas quiser, partindo sempre do seu desejo, da sua necessidade de se apropriar daquele conhecimento e ir além. O objetivo do Odomodê não é o de formar atores, músicos, artistas, mas sim, utilizar a arte como forma de expansão cultural, para que eles possam multiplicar esse aprendizado nas escolas que freqüentam, em suas famílias e na sua comunidade.

É através dessa multiplicação que se vê o trabalho surtindo efeito, pois o jovem passa a ser protagonista da própria vida, escolhendo o momento de voar com as próprias asas e difundir esse conhecimento adquirido.

É interessante para esse estudo observar a memória não somente como um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, mas como um fenômeno coletivo e social, que serve

como um registro a partir da história oral, na qual possa relatar acontecimentos vividos pessoalmente ou como classifica Michael Pollak acontecimentos “vividos por tabela”¹⁰. Essa memória individual, passível de mudanças, é na verdade um elemento para a construção da identidade social dos educandos, que buscam através da representação da ação transformar a ação real, reconhecendo e respeitando as diferenças no plano individual, e combatendo as diferenças e preconceitos no plano social.

“Assim, a noção contemporânea de cidadania deve, hoje, incorporar as dimensões da subjetividade, do desejo, em suma, dos interesses, levando em conta, evidentemente, as questões de ética. (...) Tendo como objetivo formar cidadãos conscientes de si, do outro, da realidade que os cerca e da sua capacidade de transformação...”¹¹ (POLLAK, 1992, p. 201)

Através do coletivo, jovens integrantes de comunidades populares colocam seus problemas cotidianos em discussão, através de rodas de conversa ou de uma ação dentro das oficinas promovendo um desprendimento do fato, fazendo com que o problema seja compreendido e contextualizado por todos, para assim, buscar alternativas para esses problemas enfrentados em seu dia a dia.

Os registros mais remotos que se tem da história da humanidade sempre identificam os homens vivendo em grupos, prova de que os mais antigos ancestrais já percebiam a importância e a necessidade da convivência mútua para garantir a sobrevivência.

Claro que antigamente as formas de se conviver eram mais rudimentares e a história ficou marcada por períodos de conflitos sangrentos, resultado dos problemas de relações sociais, dentro e fora dos grupos, já que os homens sempre foram seus maiores aliados e ao mesmo tempo seus maiores algozes.

Com o passar do tempo, o homem foi buscando maneiras para compreender melhor essas relações sociais e assim melhorar a convivência, pois haviam percebido que era vital para a própria sobrevivência e das gerações futuras que essa cooperação desse certo.

A sociedade então procurou se estabelecer através da formação de grupos, enfocando as relações interpessoais na família, na comunidade, na escola, no trabalho, nas igrejas, nos partidos políticos, nos grupos artísticos, entre outros. Cada uma dessas instituições tem suas

¹⁰ POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 5, nº 10. 1992. p. 201.

¹¹ FARIAS, Sergio C. B. **O Teatro e a formação da cidadania na sociedade moderna contemporânea**. Rio de Janeiro: Revista da Fundarte, ano 1, nº 01, vol. 1. 2001. pp. 12 - 15.

regras e seus valores próprios que contribuem para a formação do cidadão, levando-nos às primeiras experiências de conflitos entre grupos, auxiliando na nossa socialização, enfim, contribuindo de alguma forma para nosso crescimento pessoal e social.

Esses agrupamentos acontecem pelas afinidades e/ou pelas diferenças apresentadas por um número de pessoas que se reúnem, onde cada indivíduo dentro do seu grupo ocupa uma função, seja ela explícita ou não.

As pessoas se agrupam com um objetivo comum, mesmo que elas estejam ali por vários outros motivos, há algum ponto de identificação que as faça pertencer ao mesmo grupo. E essa unidade se fortalece pelas diferentes características que cada uma apresenta. O grupo apega-se pela necessidade de proximidade e para dar solução a problemas que são pessoais, mas, inevitavelmente socializados, tornam-se problemas coletivos.

Se o objetivo é reivindicar sobre um problema que atinge a todos os integrantes, eles devem mostrar as diversas formas para enfrentar essa situação, porque cada um ali envolvido é atingido de uma forma diferente por esse mesmo conflito.

Dessa forma, as características pessoais acabam servindo como elementos formadores da força desse grupo, com cada um apresentando características que sozinhas poderiam não surtir efeito, mas unidas conseguem agregar valores que ajudam na coesão do grupo tornando-o mais forte para entrar em cena e combater a sua opressão.

Essa necessidade de se unir em busca de um ideal comum facilita a chegada dos jovens ao Odomodê e ajuda na formação dos grupos desenvolvidos por ele. O acesso é possível porque as pessoas têm problemas e sentem vontade de confrontá-los, ao descobrir que através da arte e da cultura podem se juntar e tornar esse enfrentamento possível, já dão o primeiro passo para a criação do coletivo, estabelecendo uma relação entre os jovens que se permitem participar dessa experiência.

Os jovens que freqüentam o Odomodê procuram um espaço onde possam ter voz e consigam dialogar com a sociedade. Por isso é importante que os jovens se conheçam através do processo de formação, para que cada um saiba qual o seu papel, sua função dentro daquele grupo do qual passa a fazer parte. E esse contato se dá através das oficinas e das ações que o Núcleo Afro Odomodê disponibiliza para esses jovens.

Eles já vêm com referências de outros grupos sociais que pertencem, e muitas vezes essas referências estão distorcidas. Nem sempre o envolvimento é fácil ou sem conflitos, mas é interessante ver que ao freqüentar o programa, por mais que alguns digam não querer fazer

parte ativamente dali, eles não deixam de aparecer. Começam a visitar a casa, a participar de algumas rodas de conversa, conseguem ser ouvidos (o que talvez em nenhum outro lugar isso tenha acontecido), e sem que percebam estão envolvidos em eventos promovidos pelo programa, tomam frente na organização dos encontros e levam outros jovens para fazer parte de um espaço que já considera dele também.

É contagiante ver a capacidade de libertação e conscientização provocadas pelos jovens que freqüentam o programa, que buscam a valorização do indivíduo perante a sociedade, o fortalecimento da cidadania através de ações que estimulem a participação ativa e protagônica das camadas menos privilegiadas da sociedade e visem à transformação da realidade a partir do diálogo, pois ao mesmo tempo em que são ‘beneficiados’ pelas ações do Odomodê, são também agentes ativos na construção de uma identidade coletiva.

É a construção de um indivíduo crítico e consciente de seus direitos e deveres, pois acredito que a transformação acontece a partir do momento que o educando toma consciência do seu papel dentro da sociedade, desenvolvendo sua percepção como ser social. A ação de transformar é transformadora. E são essas ações que o Odomodê vem desenvolvendo ao longo dos anos com os educandos do programa.

Através da compreensão do mundo e da realidade em que vivem os educandos são introduzidos à leitura crítica, ao julgamento estético e à compreensão histórica, reconhecendo que, apesar das diferenças étnicas, culturais, de gênero e idade, somos todos iguais em nossa condição humana.

Outro grupo que busca essa inclusão social e que prioriza a capacidade da comunidade de se envolver e gerar discussão e conhecimento é o “Nós do Morro”, que completa seus vinte e cinco anos de atuação, mantendo sua carga visceral enraizada na estética do morro e de diálogo com o espectador ativo, participante.

“O importante está em tornar o espectador produtivo, que vá além da simples visão, passiva. É neste sentido que a prática do Nós do Morro dialoga com o pensamento brechtiano. Entre as diversas atrações apresentadas no Show das Cinco, o grupo garantiu um espaço para que a comunidade pudesse refletir e discutir ludicamente a sua realidade, despertando a postura crítica perante às suas circunstâncias de vida. (...) A desconfiança do início cedeu espaço a um crescente interesse dos espectadores pelas produções do grupo, que soube ao longo dos anos conquistar a sua atenção. O fator determinante para isso foi, na opinião de Luiz Paulo Corrêa e Castro, o diálogo estabelecido com a população local, através da valorização dos elementos próprios da comunidade, seu

universo, sua linguagem, seus personagens, sua vida”.¹² (COUTINHO, 2005, p. 23-46)

É importante mostrar também que movimentos como esses vêm acontecendo e estimulando o trabalho da arte como um mecanismo social, que prioriza a formação dos indivíduos da comunidade não como artistas, mas como cidadãos que aprendem a serem mais críticos e informados. Utilizando de diversas manifestações culturais para chegar à ação concreta, deixando os atores-sociais prontos para agirem.

Quando digo ator-social me baseio na explicação de Augusto Boal¹³ sobre aquelas pessoas que não são artistas – profissionais ou amadores, interpretando papéis de ‘povo’, mas o próprio ‘povo’ revelando-se artistas. São aqueles que improvisam, escrevem, encenam suas obras buscando apenas ajuda técnica para aquilo que querem fazer.

E essa ajuda técnica vem do trabalho desenvolvido para dar um significado a tudo que é sentido e vivido pelos jovens, na tentativa de exteriorizar essas necessidades através de palavras, dos sons e das imagens. Utilizam as oficinas como uma reflexão física sobre si mesmo, conhecendo sua capacidade individual de se expressar, numa introversão, uma relação pessoal e particular. Ao mesmo tempo a prática os leva a construir diálogos, já que esses exigem interlocução, funcionam como ‘extroversão’, provocando e estimulando uma comunhão única entre as pessoas envolvidas no jogo estabelecido. A integração vai sendo desenvolvida com a assimilação das técnicas e a troca de experiências.

“A palavra é o primeiro elemento transformador do mundo de que se vale o ser humano. Por ela o mundo é ordenado num todo significativo. Com a palavra o homem organiza o real, atribuindo-lhe significados. Toda a massa de sensações e percepções é filtrada pela linguagem humana, e recebe uma significação”¹⁴ (DUARTE JUNIOR, 1983, p. 19)

Ao dinamizar as discussões dentro das oficinas ou em momentos de convivência os jovens passam a proporcionar uma melhor compreensão e assimilação das situações que vive. Através dessa expressão pessoal, do compartilhar as experiências é que eles tentam aprender algum tipo de conhecimento construído por outros.

¹² COUTINHO, Marina H. **Nós do Morro: percurso, impacto e transformação. O grupo de teatro da favela do Vidigal**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005, p. 23-46.

¹³ BOAL, Augusto. **O Teatro como Arte Marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

¹⁴ DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque arte-educação?** Campinas: Papyrus, 1983, p. 19.

“Ao se tornar consciente de sua existência individual, o homem não deixa de conscientizar-se também de sua existência social, ainda que esse processo não seja vivido de forma intelectual. O modo de sentir e de pensar os fenômenos, o próprio modo de sentir-se e pensar-se, de vivenciar as aspirações, os possíveis êxitos e eventuais insucessos, tudo se molda segundo idéias e hábitos particulares ao contexto social em que se desenvolve o indivíduo”.¹⁵ (OSTROWER, 1977, p. 16-17)

É importante que o jovem descubra quais são suas vontades e desejos para permitir conhecer quais são os propósitos do Odomodê, para que possa utilizá-lo de acordo com sua própria necessidade ou intenção. As intenções se estruturam junto com a memória, são importantes para criar. Fazem-se conhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas escolhas e sugestões contidas no ambiente. Às vezes, descobrimos as nossas intenções só depois de realizar a ação.

No momento em que o jovem se lança na ação é que ele se disponibiliza para transformá-la também na vida real, transferindo as soluções apresentadas na arte para seu cotidiano. A partir do contato com as oficinas, o educando passa por um processo de movimento interno que unifica as técnicas e jogos com suas sensações e conflitos. Esse movimento o leva a reproduzir (ver-se em ação) e manifestar suas necessidades e opressões, levando-o a se reconhecer como ser humano. Mostrando novas possibilidades de soluções, ou pelo menos, de questões que o levem a tomar consciência do conhecimento ou reconhecimento do seu papel (compromisso) como cidadão.

Ele passa então a aproveitar não só as soluções finalizadas, mas todo o procedimento, porque todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que a situação, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação.

Para o educador fica o desafio de desenvolver um ambiente onde as pessoas sintam liberdade para experimentar, onde as comunicações entre os jovens sejam espontâneas e facilitadas, oferecendo segurança aos participantes, possibilitando o diálogo e firmando uma “regra”, a de que o jogo deve ser coletivo e voluntário.

¹⁵ OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Imago Editoria LTDA, 1977. p. 16-17.

Entre tantas descobertas particulares, as oficinas auxiliam na possibilidade dos jovens se verem em ação, participando ativamente do processo, interagindo com o imaginário e descobrindo que ali tudo pode e deve ser testado, descobrindo novas possibilidades.

O jogo permite que todos vivenciem novas experiências, descobrindo as relações existentes nas artes, procurando formas para utilizar durante o processo dentro de seus propósitos e se pretende ser diferente da realidade básica, do real concreto, pois enquanto ele dura, as regras do cotidiano se fazem suspensas temporariamente.

Ele acontece no momento presente, enquanto está sendo trabalhado é que acontece a apropriação da fantasia para o real e vice-versa. Todo jogo significa alguma coisa e a idéia de jogo é central para a civilização. Johan Huizinga¹⁶ afirma que todas as atividades humanas, incluindo filosofia, guerra, arte, leis e linguagem, podem ser vistas como o resultado de um jogo, e para nós é importante lembrar que dentro do jogo vale priorizar a liberdade, ou no caso do jovem, a busca por ela.

É importante ver no jogo os seus aspectos criadores, onde é permitido ao jovem se libertar, ousar, e para tanto é necessário que haja um conflito. É a partir de um obstáculo que existe à vontade de superá-lo, a necessidade de ultrapassá-lo, estimulando assim o jogo. A criatividade surge na resolução dos problemas.

É interessante ver a importância do jogo dentro da arte, pois ele ajuda e possibilita que o jovem consiga transformar o invisível no visível, levando-o ao lugar específico, mostrando sempre que o Odomodê valoriza essa arte coletiva e o trabalho de grupo.

Considerações finais

Um dos maiores desafios que o Odomodê encontra é o de diminuir a desigualdade social que caracteriza a região na qual atua e transformar essa realidade. O trabalho se fortalece por acreditar que o que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Além do acesso às oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas. O programa busca aumentar essa gama de

¹⁶ HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo. Perspectiva, 1996.

oportunidades e, preparar os jovens que moram nas comunidades do entorno para que possam fazer escolhas nos caminhos que venham a seguir. É a construção de um presente e um futuro, que através das ações desenvolvidas pelo Odomodê visa construir seus objetivos e realizar seus sonhos.

O Odomodê prioriza aos educandos oportunidades educativas que abrem o leque das possibilidades. Dessa forma eles poderão realmente fazer escolhas. Pessoas com competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas são capazes de construir para si projetos de vida. São capazes de conviver solidariamente respeitando as diferenças e, assim, estão preparadas para o ingresso no mundo do trabalho de forma sensível e crítica.

Os jovens/educandos/atores-sociais que participam do Odomodê conseguem enfrentar suas opressões e modificar a realidade em que vivem, decompondo seus problemas e mostrando-os para que outros aprendam com essa situação. Através do Odomodê muitos grupos foram criados e jovens foram formados, os que optam por trilhar esse caminho e multiplicá-lo se mantêm causando impacto em suas comunidades por suas ações, levando a proposta artístico-pedagógica para outros projetos onde disseminam o que aprenderam e levam outros jovens a se descobrirem capazes de ter opinião e transformar sua realidade.

Eles descobriram a arte como uma forma de representação e uma manifestação cultural espontânea do ser humano, o que o Odomodê vem fazendo é difundir os meios de produção e ensinar como a cultura e o conhecimento podem e devem ser usados para contribuir com a transformação social, estabelecendo um jogo de confirmação dos sentimentos humanos.

Essa é a história que quis contar, de um grupo criador e formador de opinião, que hoje batalha para manter o seu espaço, os direitos e os deveres dos seus jovens. Que procura fazer da arte uma atividade humana que consiste em um homem ou mulher, se comunicar conscientemente a outros, por imagens, sons, movimentos e falas, os sentimentos que vivenciam, para que outros possam ser contaminados desses sentimentos e também experimentá-los.

O Odomodê busca para que todos os seres humanos utilizem, na vida diária, a mesma linguagem que os artistas usam no palco, traduzindo suas emoções, desejos e idéias em uma Linguagem Humana. Linguagem essa, baseada no diálogo e no papel transformador dos seus atores-sociais.

Referências

- BOAL, Augusto. **O Teatro como Arte Marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COUTINHO, Marina H. **Nós do Morro: percurso, impacto e transformação. O grupo de teatro da favela do Vidigal**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque arte-educação?** Campinas: Papirus, 1983.
- FARIAS, Sergio C. B. **O Teatro e a formação da cidadania na sociedade moderna contemporânea**. Rio de Janeiro: Revista da Fundarte, ano 1, nº 01, vol. 1. 2001.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo. Perspectiva, 1996.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Imago Editoria LTDA, 1977.
- POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 5, nº 10. 1992.